

SABERES DOCENTES E A INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Aliciani Maria Oliveira¹
Cláudia Aleixo Alves²
Júlia Miranda Falcão³

PALAVRAS-CHAVE: saberes docentes; inclusão; narrativa; educação física.

INTRODUÇÃO

A inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais (NEE) nas escolas regulares, em destaque os alunos com deficiência, demanda uma nova perspectiva educacional que necessita rever concepções tradicionais do processo ensino-aprendizagem. Assim, surgem vários questionamentos sobre o quê e como fazer para que esses alunos sejam incluídos nas aulas. Dessa forma, o professor, é levado a questionar-se sobre os saberes necessários para trabalhar com alunos com deficiência, considerando que parte do professorado não dispõe de formação para tal. Em se tratando da Educação Física, esse anseio dos professores esbarra também em questões históricas que permeiam a área. Segundo Chicon e Silva (2011, p. 44) o que se vislumbra na maioria das vezes, são aulas fundamentadas na aptidão física “[...] reafirmando aos indivíduos que não apresentavam tal condição inicial a percepção social excludente da incapacidade”.

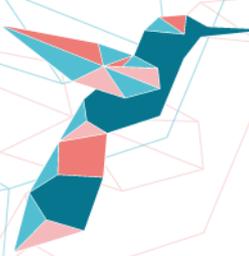
Os saberes docentes incorporados pelos professores estão relacionados, segundo Tardif (2012) à história de vida, à família, à escola, às instituições formadoras, aos materiais didáticos e à prática. Sendo assim, o presente estudo busca investigar o modo como uma professora de educação física constrói e mobiliza saberes para trabalhar com crianças com deficiência durante sua trajetória profissional. A justificativa do estudo reside na importância de se conhecer o processo pelo qual os professores de Educação Física tem mobilizado e construído esses saberes em um cenário educacional voltado para a inclusão.

METODOLOGIA

A pesquisa utiliza a narrativa como técnica de pesquisa por esta possibilitar ao ator “[...] reconstruir experiências, refletir sobre dispositivos formativos e criar espaço para uma compreensão da sua própria prática” (SOUZA, 2004, p. 412). A entrevista foi realizada com uma professora da rede pública da cidade de Vitória (ES) selecionada mediante indicação de outros professores por desenvolver um trabalho diferenciado com alunos com deficiência. A entrevista foi realizada com base em questões norteadoras que tratavam da relação estabelecida entre a pessoa com deficiência e a professora em suas trajetórias familiar, escolar, acadêmica e profissional.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Nas narrativas da professora Kátia (nome fictício), que se formou em Educação Física pela Universidade Rural do Rio de Janeiro em 2005 e que atualmente é professora na rede pública do Estado do Espírito Santo, conseguimos identificar alguns elementos que evidenciam os saberes docentes por ela mobilizados em sua atuação com crianças com



deficiência nas aulas de educação física em escolas regulares nas quais ela trabalhou. É possível perceber que os saberes mobilizados pela professora são providos de diferentes fontes como afirma Tardif (2012), ou seja, aqueles relacionados com a formação profissional; com os saberes produzidos pelas ciências da educação e dos saberes pedagógicos; com aqueles relacionados com o programa da disciplina ministrada e com os saberes desenvolvidos pelos próprios professores em suas práticas, sendo este último conhecido por saberes experiências.

Durante a entrevista, Kátia alegou que durante o curso de graduação teve apenas uma disciplina voltada para o tema deficiência, e mesmo assim, essa tinha apenas um caráter clínico, e que por isso foi muito difícil quando teve que assumir uma classe com algum aluno com deficiência.

Para a professora o maior aprendizado foi na prática, aquele saber que Tardif (2012) chama de experiencial, ou seja, no contato diário com os alunos e com os colegas de trabalho “[...] é aos trancos e barrancos que a gente vai aprendendo e mais ainda quando a gente recebe um aluno com necessidades especiais” (INFORMAÇÃO VERBAL). Dessa forma, Kátia foi aprendendo a ensinar enfrentando cotidianamente diversas situações segundo Tardif (2012) que lhe possibilitam construir ferramentas. E nesse processo de construção de ferramentas para lidar com as situações enfrentadas, a professora também nos relatou que não desprezou os saberes providos do curso de pós-graduação que realizou na área, nos livros voltados para o tema em que ela sempre busca como fonte de estudo.

Além disso, Kátia mencionou que sua base familiar foi propícia para que, desde criança, aprendesse a não discriminar as pessoas pelas suas diferenças “[...] Acho que é pela minha criação mesmo de não discriminar as pessoas... o jeito de respeitar mesmo as pessoas” (INFORMAÇÃO VERBAL). A professora também se recordou que na infância sua mãe a levava até a casa de uma colega de escola com Síndrome de Down para brincar.

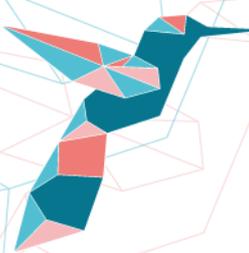
[...] Me lembro, inclusive, que tinha uma colega que ela tinha acho, na época, hoje eu não sei, talvez ela fosse ou tivesse um comportamento de uma criança pequena. A gente já era maior e ela gostava de brincar de bonequinha. Ela tinha esse atraso neurológico, na questão da idade, e aí ela ficava muito só. Eu lembro que ela era uma menina que eu brincava com ela. Eu cheguei ir a casa dela brincar. Eu lembro que minha mãe me levava lá, ela me chamava e eu ia (INFORMAÇÃO VERBAL).

Essa recordação que a professora traz da infância evidencia que os saberes construídos por ela mantêm relação com elementos que compõem a sua vida muito antes dela ter decidido, de fato, ser professora.

[...] a experiência provoca, assim, um efeito de retomada crítica (retroalimentação) dos saberes adquiridos antes ou fora da prática profissional. Ela filtra e seleciona os outros saberes, permitindo assim aos professores reverem seus saberes, julgá-los e avaliá-los e, portanto, objetivar um saber formado de todos os saberes retraduzidos e submetidos ao processo de validação constituído pela prática cotidiana (TARDIF, 2012, p. 53).

Apesar dessa experiência que a professora possui e da constante busca para incluir os alunos nas aulas de educação física ela mostra uma insegurança e faz questão de reafirmar que nem sempre sabe se está fazendo a “coisa certa” e que por isso sente falta de participar de mais cursos que tratam sobre o tema.

Até hoje eu não sei se esse é o pensamento certo, e nunca parei em lugar específico que pudesse tirar essa dúvida, sei que seminário de educação inclusiva tem direito, mas sempre e no horário de trabalho e a gente não tem



liberação da prefeitura para isso, substituta é caro, às vezes consegui liberação para o congresso de educação física na UFES, mas não é sempre! (INFORMAÇÃO VERBAL).

Essa posição da professora de reivindicar uma melhor formação para trabalhar com os alunos evidencia que os saberes docentes experienciais tem se destacado em sua ação docente, até mesmo porque a sua formação profissional não contemplou essa temática em termos pedagógicos. Apesar disso, a professora, não se sente satisfeita apenas com os saberes adquiridos na experiência, e por isso ela também acha necessário participar de mais cursos de formação continuada. Essa sensação de não saber se está no caminho certo também compõe um elemento central da inclusão: a busca pelo modo correto de fazer. Em se tratando de crianças com deficiência e mesmo aquelas sem deficiência, esse modo correto não existe, ele será desenvolvido por cada professor mediante as inter-relações dos seus saberes.

CONCLUSÕES

As narrativas da professora apontam que ela durante sua trajetória pessoal e profissional mobiliza e constrói diferentes saberes para desenvolver um trabalho com crianças com deficiência nas aulas de educação física, mas os saberes do cotidiano, no contato com alunos e professores se sobressaem aos demais. Portanto, pensamos que se faz necessário não só investir na formação (inicial e continuada) para a inclusão dos futuros professores, o que já é amplamente defendido por todos, mas também possibilitar que os próprios professores se reconheçam como sujeitos de conhecimento a fim de romper com a ideia da possibilidade da existência de um modelo correto de se fazer a inclusão, diminuindo assim o receio e a frustração que muito professores possuem quando recebem em suas classes alunos com deficiência.

REFERÊNCIAS

CHICON, J. F.; SILVA, M. G. C. Inclusão na educação física escolar: considerações sobre a constituição da subjetividade humana. *Movimento*, Porto Alegre, v. 17, n. 01, p. 41-58, janeiro/março de 2011.

SOUZA, E. C. de. O conhecimento de si, as narrativas de formação e o estágio: reflexões teórico-metodológicas sobre uma abordagem experimental de formação inicial de professores. In: ABRAHÃO, M. H. M. B. (Org.). *A aventura (auto) biográfica: teoria e empiria*. POA: EDIPUCRS, 2004.

TARDIF, M. *Saberes docentes e formação profissional*. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

¹Licenciatura em Educação Física, Multivix, aliciani-@hotmail.com

²Mestre em Educação Física, Universidade Federal do Espírito Santo, cacualeixo@yahoo.com.br

³Mestre em Educação física, Universidade Federal do Espírito Santo, juliamfalcao@gmail.com